

Atividades em sala de aula

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Educadora aposentada do Instituto de Matemática e Estatística da USP. Coordenadora do Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática. Professora de curso de pós-graduação em Educação Matemática.

E-mail: acarambi@alumni.usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0677-3878>.

Comunicação/ Educação é um espaço já construído?

Como diz Paulo Freire, nós vivemos no mundo e com o mundo. E que mundo é esse? É aquele que é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento. Afinal, não podemos estar “vendo” todos os acontecimentos, em todos os lugares. É preciso que “alguém” os relate para nós. O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que “apareça” no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos (Baccega, 1994, p. 7-14).

1. INTRODUÇÃO

Nesta edição vamos refletir sobre a Educomunicação como um espaço a ser construído na perspectiva de Baccega (1994) e de como um mundo que é trazido até a nossa percepção; um mundo que chega editado e redesenhado num trajeto que passa por centenas, e, às vezes, por milhares de filtros até que “apareça” no rádio, na televisão e no jornal — acrescentando a Internet e as mídias sociais.

O ponto de partida são os artigos presentes nessa edição e começamos com o artigo “É João Gomes e Vittar!: currículo e performance no queer nordestino”, de Alcidesio Oliveira da Silva Junior e Sandro Faccin Bortolazzo (2025), que tem como base a análise do discurso de inspiração foucaultiana e do conceito de currículo cultural, e de como o gênero e a sexualidade são performados e regulados nas plataformas Instagram e YouTube. Para os autores, os resultados da análise revelam tensões entre discursos normativos e manifestações de acolhimento à diversidade, mostrando as plataformas digitais como territórios curriculares e produtoras de subjetividades e saberes.

Recebido: 16/10/2025

Aprovado: 19/11/2025

A análise do discurso também está presente no artigo “Adolescência: a dimensão da educação midiática e digital”, de Ana Amélia Erthal e José Brito (2025), que destaca núcleos narrativos interdiscursivos que ilustram como o ambiente digital molda relações, subjetividades e vivências escolares relacionadas à cultura digital. Os autores citam Baccega (1994, p. 120): “o discurso não é estritamente só isto ou aquilo. Pode-se dizer que ele é predominantemente algo, mas não que ele tem só um aspecto. Daí a luta para a constituição dos sentidos”. Na interpretação dos autores, o sujeito é interpelado, oprimido e libertado pelo discurso, sendo este capaz de modelar comportamentos; defendem a urgência de políticas públicas digitais e de práticas de letramento educacional voltadas ao acesso, participação crítica e produção de mídias em plataformas digitais.

O artigo “Processos educativos em práticas de Radiodifusão Comunitária: potenciais ambientes de produção de sentido na perspectiva da heteroglossia”, de Flávia Eloisa e Caimi Ricardo Cocco (2025), considera que as mídias se constituem em mediadores pelos quais os sujeitos se relacionam, compreendem e significam o que os cerca, onde os sentidos são construídos e reconstruídos, as narrativas são negociadas e as disputas pela interpretação do mundo são travadas. A questão central para os autores é: mediante quais condições as experiências de RadCom compõem ambientes de produção de sentidos na perspectiva da heteroglossia?

Fechamos com o ensaio interpretativo “Education for democracy in the social media century”, de Ryan T. Knowles, Steven Camicia e Lorissa Nelson (2025), no qual os autores examinam como a alfabetização midiática crítica pode revelar estruturas de poder ocultas e apoiar a educação para a democracia.

As atividades dessa edição estão organizadas nos seguintes temas:

- Como gênero e sexualidade são performados e regulados nas plataformas Instagram e YouTube;
- A dimensão da educação midiática e digital no adolescente;
- Alfabetização midiática crítica pode revelar estruturas de poder ocultas e apoiar a educação para a democracia;
- Processos educativos em práticas de Radiodifusão Comunitária.

2. PRIMEIRA ATIVIDADE

2.1 Como gênero e sexualidade são performados e regulados nas plataformas Instagram e YouTube

O artigo “É João Gomes e Vittar!: Currículo e performance no queer nordestino”, de Alcidesio Oliveira da Silva Junior e Sandro Faccin Bortolazzo (2025), busca compreender as articulações e os saberes sobre o homem nordestino, os modos de produção de gênero e a sexualidade, a partir dos comentários de seguidores em postagem da conta do cantor João Gomes no Instagram e no

videoclipe da música com Pablo Vittar publicado no YouTube. A atividade tem como público-alvo os profissionais da Comunicação e da Educação e alunos do Ensino Médio.

1. Começamos propondo que assistam ao videoclipe da música de João Gomes com Pablo Vittar disponível no YouTube registrando seus comentários;

2. O aluno comparar o seu comentário com os comentários disponíveis no YouTube e Instagram. Para subsidiar essa ação, propomos a leitura dos itens “*Primeiras batidas*” e “*Sente o rajadão! Notas analíticas*” do artigo. A partir disso, verificar que os autores consideram que os comentários dos internautas apontam para movimentos de aceitação, desconforto e/ou ojeriza diante do dueto; argumentam que um currículo cultural se estende com suas linhas de aprendizagens nas plataformas e redes sociais construindo outros saberes e deslocando ou reiterando estereótipos;

3. Para o trabalho em grupo de alunos tanto da graduação quanto do Ensino Médio, sugerimos a leitura dos itens “*Representações do homem nordestino em disputa*” e “*A presença de Pablo Vittar e a performance drag como ruptura*”, com o objetivo de retomar a figura do nordestino na literatura clássica de Graciliano Ramos e/ou Guimarães Rosa e literatura de cordel;

4. Comparar suas considerações como as dos autores no item “*Tensões morais e os marcadores de gênero, sexualidade e regionalidade*” e escrever concordâncias ou não;

5. Fazer a leitura e análise das conclusões no item, “*Hora da última dança... acerca de conclusão*”. Selecionamos as duas como proposta de discussão:

- “A análise do caso ‘Vira Lata’ evidencia como as plataformas digitais e redes sociais operam como currículos culturais que produzem e regulam saberes”.

- “Ao analisarmos os comentários, identificamos, de um lado, a emergência de discursos que acionam valores tradicionais [...] para rejeitar a presença de uma *drag queen* no campo da música nordestina; de outro, discursos que afirmam a diversidade e a potência das expressões queer como parte legítima da cultura popular”.

3. SEGUNDA ATIVIDADE

3.1 A dimensão da educação midiática e digital no adolescente

A atividade tem como referência o artigo: “Adolescência: a dimensão da educação midiática e digital”, de Ana Amélia Erthal e José Brito (2025). A artigo analisa a série *Adolescência* (Netflix, 2025) sob a perspectiva da educação midiática e informacional, explorando o discurso e as dinâmicas socioculturais vivenciadas por adolescentes hiperconectados. A série na análise dos autores aborda temas como: a experiência da sexualidade; a mediação dos usos do digital; os perigos do *cyberbullying*; as toxicidades do ambiente escolar; a pressão

por desempenho; o tabu do movimento masculinista; a romantização da paternidade e maternidade; e os perigos da vitimização e do sentimentalismo tóxico.

Organizamos a atividade para os profissionais da educação — professores, coordenadores e adolescentes do Ensino Médio, bem como os seus pais ou responsáveis. Propomos a seguinte sequência didática:

1. A leitura da introdução do artigo de preferência na reunião pedagógica da escola e, também, na reunião de pais, destacando os pontos mais impactantes para a sua escola. Seleccionamos alguns: experiência da sexualidade, os perigos do *cyberbullying*, o celular como extensão do corpo, da memória e da vida de adolescentes, entre outros. Após essa leitura, apontar como a equipe escolar pode contribuir para trabalhar pedagogicamente esses pontos com seus alunos;

2. Verificar quem assistiu ao documentário e pedir que façam e descrevam as cenas relacionadas ao papel da escola. Para aqueles que não assistiram, propomos fazer a leitura da descrição dos episódios no item 2 “*A série Adolescência*”, registrando sua opinião em cada episódio;

3. O item 3 do artigo trata do “*Discurso Dominante*”, que na série refere-se ao machismo e misoginia difundidos nas redes sociais em códigos específicos — como ideologias motivadoras do crime —, e a presença dos Emojis que não seriam apenas representações de estados de comportamento ou reações às mensagens em texto, áudio e vídeo;

4. No item 3.2 “*O interdiscurso*”, os autores apresentam críticas sobre o sistema educacional que na sua análise refletem a uma estrutura consolidada, compulsória, burocrática, limitadora, lenta para acompanhar as mudanças promovidas pela tecnologia e insuficientemente hábil para debater o que acontece nas escolas e fora dela. Tendo como referência este item, você como educador concorda?

5. Fazer a leitura das conclusões, ressaltando o seguinte ponto: a análise desenvolvida sobre a série “*Adolescência*” evidencia a necessidade de promover a educação midiática como eixo fundamental do debate contemporâneo; a narrativa mostra adolescentes e adultos atravessados por códigos digitais incompreensíveis, revelando como a ausência de letramento midiático amplia vulnerabilidades psíquicas, sociais e institucionais.

4. TERCEIRA ATIVIDADE

4.1 Alfabetização midiática crítica pode revelar estruturas de poder ocultas e apoiar a educação

A alfabetização midiática e seu significado para as mídias sociais tem sido objeto de reflexão em edições dessa revista. O artigo para esta atividade traz a vertente de como a alfabetização midiática crítica pode revelar estruturas de poder ocultas e apoiar a educação para a democracia. Essa questão é analisada no artigo “Education for democracy in the social media century” de Ryan T.

Knowles, Steven Camicia e Lorissa Nelson (2025) que traduzimos para “Educação para a democracia no século das mídias sociais”.

O público-alvo para essa atividade são os profissionais das mídias sociais e da Educação e alunos do Ensino Médio. Apresentamos a seguinte sequência didática:

1. Propor a leitura da “*Introdução: quebrando barreiras*” e selecionar as ideias mais significativas. Selecionamos algumas para serem discutidas em grupo:

- a. “As inovações tecnológicas estão avançando a uma velocidade vertiginosa, trazendo consigo uma conectividade social como nunca vimos antes”;
- b. “Os alunos precisam desenvolver opiniões, compartilhar essas opiniões com os outros e ter oportunidades de discordar de seus colegas e professores”;
- c. “O crescimento meteórico do uso de plataformas de mídia social como Instagram, YouTube, Facebook, TikTok, Twitter e Snapchat abriu um poderoso canal para disseminar uma enxurrada de mensagens políticas para jovens sem discussões sobre desequilíbrios de poder — sem o reconhecimento de preconceitos”.

2. Fazer a síntese das considerações do grupo pedindo que comparem com situações do seu cotidiano, tendo como referência o momento de polarização política que vivemos;

3. O item “Alfabetização Midiática e Informacional” do artigo traz a questão: “À medida que a cidadania digital, a alfabetização midiática crítica e a educação cívica online aparecem com mais frequência no radar educacional, pode ser tentador para os educadores ignorar a real lacuna no acesso à tecnologia para muitos de nossos alunos”. Discutir essa questão tendo como referência a situação dos jovens de sua cidade e registrar as principais ideias;

4. Comparar as ideias do item anterior com as considerações do item “*Participação/Engajamento*”, que em síntese apresenta que os jovens de hoje são atores políticos e as mídias sociais podem ser um espaço eficaz para que desenvolvam sua participação cívica e que nem todo engajamento cívico online é igual;

5. Comentar em grupo a crítica às estruturas de poder dominante abordada no item “*Resistência crítica*”:

- Reconhecer que as plataformas de mídias não são espaços neutros para os usuários participarem de discussões políticas.

- As plataformas são produtos que visam ao lucro.

- As informações veiculadas devem ser questionadas, pois as notícias falsas — embora não sejam novidade — têm o potencial de serem amplificadas nessas plataformas.

- Como o professor pode ajudar seus alunos a avaliar essas plataformas e a veracidade das informações veiculadas.

No artigo os autores apresentam orientação para ajudar os alunos a avaliar as fontes. Quem são todas as pessoas que possivelmente fizeram escolhas que ajudaram a criar este texto?

- a. Como esse texto foi construído, divulgado e acessado?
- b. Como esse texto poderia ser compreendido de forma diferente?
- c. Quais valores, pontos de vista e ideologias estão representados ou ausentes nesse texto ou influenciados por esse meio?
- d. Por que esse texto foi criado e/ou compartilhado?
- e. Quem esse texto beneficia e/ou prejudica?

6. Fazer a leitura das conclusões e observar que é enfatizado o papel das mídias como um recurso de fácil acesso, que proporciona uma plataforma robusta para o engajamento e o debate da cidadania no mundo atual.

5. QUARTA ATIVIDADE

5.1 Processos educativos em práticas de Radiodifusão Comunitária

A retomada de uma velha mídia — a radiodifusão — e o que tem a ver no mundo digital? Para refletir sobre essa questão, temos o artigo “Processos educativos em práticas de Radiodifusão Comunitária: potenciais ambientes de produção de sentido na perspectiva da heteroglossia”, de Flávia Eloisa e Caimi Ricardo Cocco (2025). Os autores apresentam a Radiodifusão Comunitária (RadCom) como um campo de lutas. A questão central é: mediante quais condições as experiências da RadCom compõem ambientes de produção de sentidos na perspectiva da heteroglossia? Organizamos a atividade para os profissionais da Comunicação e Educação e alunos do Ensino Médio, com a seguinte sequência didática:

1. Leitura de preferência em grupo do item “*A presença do rádio*”, anotando a genealogia do rádio, a linguagem e a realidade diária do veículo, como é descrito por Vigil (2003, p. 397);
2. Fazer a síntese das anotações e discutindo a criação das rádios comunitárias no Brasil;
3. Retomar o problema do artigo: “partindo do pressuposto de que os Meios de Comunicação Social configuram um campo de negociação, produção e circulação de discursos, mediante quais condições as experiências de Radiodifusão Comunitária — situadas em cenários culturais e histórico-sociais — podem compor ambientes de produção de sentidos na perspectiva da heteroglossia?”
 - a. Definir o que é heteroglossia para os autores;
 - b. Analisar o Quadro-síntese das emissoras observadas no trabalho de campo e a conclusão dos autores “A síntese do campo revela que ambas as rádios nasceram de projetos coletivos que buscavam atender

às demandas e interesses locais, constituindo-se como alternativas aos meios de comunicação hegemônicos”.

4. No item “*Contribuições da pesquisa para o campo da educação*” anotar o significado que os autores dão aos seguintes temas:

- a. Proximidade com o que envolve a vida das pessoas;
- b. Experiências comunicativas que favoreçam que as vozes ecoem e ressoem;
- c. Espaço de tensões (contradições) mobilizadoras e pontos de vista e vozes dissonantes;
- d. Potencial transgressivo à padronização discursiva e às lógicas convencionais de comunicação;
- e. Opção político-ideológica pelos discursos marginalizados, periféricos e não oficiais (inaudíveis);
- f. Constituição de cenários de enfrentamento e de processos de resistências.

5. No item *Conclusões*: verificar as considerações que os autores chegaram sobre o problema investigado; para isso, retomar o problema.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação & Educação: do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 1, p. 7-14, set. 1994. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36194>. Acesso em: 21 nov. 2025

BACCEGA, Maria Aparecida. Discurso, ficção e realidade: a construção do “real” e do “ficcional”. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 120.

VIGIL, José Ignácio Lopes. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.